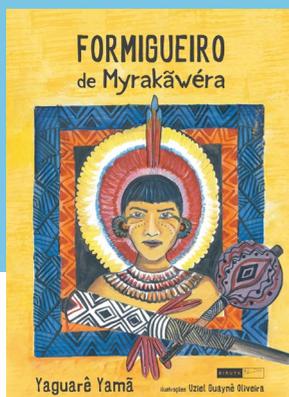


SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Em consonância com a BNCC



Formigueiro de Myrakãwéra

Yaguarê Yamã
Ilustrações Uziel Guaynê
ISBN: 978-85-7848-108-7
19 x 25 cm | 56 páginas

**CARO(A)
PROFESSOR(A),**

As atividades presentes neste roteiro de leitura são apenas sugestões e não devem limitar a potencialidade de trabalho e nem a criatividade do(a) professor(a) em sala de aula. Você poderá adaptá-las à realidade de sua escola e de sua turma, bem como à faixa etária de seus(suas) alunos(as), podendo criar outras atividades que julgue mais adequadas. Lembre que as atividades devem priorizar aspectos lúdicos e reflexivos, despertando nos alunos, assim, o desejo de mais e mais descobertas a partir dos livros.

APRESENTAÇÃO ::

Formigueiro de Myrakãwéra conta uma história das etnias maraguás e parintins, povos indígenas do Amazonas, e narra as aventuras dos curumins ãgnáw e ãgapany na região amaldiçoada de Myrakãwéra.

A região apresentada na narrativa, há muito esquecida, é cercada de mistério – no livro, o menino ãgnáw é o primeiro personagem a ter contato com o local, que antes acreditava ser apenas uma lenda. Lá, descobre as formigas gigantes e os mortos-vivos, os elementos fantásticos da narrativa. São os *malyli* – os pajés da comunidade –, com sua sabedoria e experiência, que conhecem os resquícios da antiga história da região de Myrakãwéra e também são eles que descobrem o desfecho para a desventura de ãgapany e seus amigos, depois da incursão das crianças, e criam uma maneira de proteger seu povo da maldição.



LEITURA ::

O momento anterior à leitura pode ser decisivo para despertar o interesse dos estudantes e aproximá-los do livro literário que se tem em mãos. Por isso, é importante que você levante pontos de interesse, antecipe possibilidades e se prepare para uma primeira aproximação, assim como para o trabalho posterior com o livro. Leia a sinopse da quarta capa, a biografia do autor e do ilustrador, além do texto em que o autor explica um pouco sobre o livro. Em seguida, é possível perguntar aos estudantes o que esperam da narrativa, com base nas pistas fornecidas por esses textos.

A partir dessa primeira conversa, proponha a leitura do

livro e, depois de finalizada essa etapa, é o momento de os estudantes compartilharem suas impressões. É importante que eles possam expor a particularidade de suas leituras com apreciações individualizadas sobre personagens, narrador, enredo, valores etc., ou seja, emitir o seu ponto de vista, suas impressões acerca dos vários aspectos da leitura, todas elas legítimas.

Assim, é comum a enunciação de opiniões divergentes e é na troca de impressões, de comentários partilhados, que os estudantes vão descobrindo os diversos elementos da obra. Às vezes, nesse diálogo, descobrem questões que não haviam observado, mudam de ideia ou adicionam camadas de significado às interpretações feitas anteriormente. Nesse momento é interessante retomar as hipóteses e expectativas levantadas anteriormente.

Abaixo, algumas perguntas orientadoras para a conversa:

- O que vocês acharam da história? Alguém achou as formigas gigantes e os mortos-vivos um pouco assustadores? Gostaram do final da história? Por quê?
- Vocês se identificaram com algum dos personagens?
- Agiriam de maneira diferente de ãgnáw? E em relação a Ágapany e seus amigos?
- A desobediência dos curumins mostra um valor importante da cultura dos povos parintins e maraguás: o da sabedoria dos pajés. Por que acham que os meninos não deram ouvidos aos mais velhos?
- O que acharam das palavras em línguas indígenas como o tupi e o maraguá? Vocês utilizaram o glossário ao longo da leitura?
- Ficaram curiosos sobre essa região do Brasil? Qual é o ecossistema que domina a região? Alguém pesquisou

mais sobre? Vamos olhar no mapa?



EU, NARRADOR ::

A obra possui um narrador onisciente em terceira pessoa – que conhece, além dos acontecimentos, os sentimentos e as emoções de diferentes personagens da narrativa. Proponha as seguintes reflexões:

- Quem é o narrador? Está em primeira ou terceira pessoa? É um narrador observador ou onisciente?
- Se o narrador fosse um narrador-personagem e contasse a história a partir do ponto de vista de um único personagem (por exemplo, o pequeno Penābyê ou o *malyli* Pegawã), a construção narrativa seria diferente? Alguns acontecimentos descritos fariam sentido? O leitor teria acesso aos sentimentos e emoções do narrador-personagem? Qual seria o efeito caso o narrador-personagem se alterasse a cada capítulo e a história fosse contada a partir do ponto de vista de cada um dos personagens principais?

Assim, proponha a seguinte atividade de produção de texto e leitura:

- Peça aos estudantes que escolham um trecho da história e o reescrevam, em primeira pessoa, sob a perspectiva de um narrador-personagem. Sugestão: quando os cinco curumins decidem descer o rio em busca de Myrakāwéra. Os estudantes podem escolher qualquer outro trecho que se sintam à vontade, ou aumentar o escopo do excerto, fazendo inclusive um capítulo inteiro.

- Os estudantes podem reunir-se em pequenos grupos e trocar entre si suas redações para leitura. Podem também ler em voz alta os textos produzidos, uns para os outros – o exercício de oralidade é interessante, pois os alunos podem tentar identificar o novo narrador pela entonação da leitura, pela linguagem do texto, pelos tempos verbais empregados etc. Podem, então, trocar impressões sobre essas novas perspectivas da história e como os acontecimentos, as sensações e emoções são distintos e se transformam quando a voz narradora é outra.



DO LIVRO PARA O PALCO ::

A partir das reflexões sobre o papel do narrador na atividade anterior, sugira aos estudantes que elaborem um roteiro teatral a partir da obra trabalhada. Os estudantes devem transpor o discurso indireto da prosa literária para a linguagem do teatro – na qual predomina o discurso direto. Além de se atentarem à transposição do tipo de discurso, os alunos eles precisam ter atenção em como adaptarão para o roteiro os sentimentos e as emoções dos personagens.

Pergunte à turma: o que mudou na estrutura do enredo com a mudança de discurso? Houve alguma passagem que não coube no discurso direto? Que outros recursos do teatro foram usados para contemplar ou suprir essas passagens? Alguns trechos da prosa literária foram suprimidos intencionalmente no roteiro? Por quê?

O roteiro de teatro desenvolvido pode ser utilizado neste momento. O(A) professor(a) de Arte poderá discutir com a turma todos os aspectos a serem considerados na peça, buscando selecionar os personagens e definir os elementos que farão parte da representação (cenografia, música, vestimentas, adereços etc.), incluindo a tecnologia para apresentar cenários difíceis de serem utilizados.

A peça poderá ser apresentada para estudantes de outras classes, períodos e também para os pais, familiares e responsáveis.



PODCAST CULINÁRIO ::

A alimentação de um povo reúne diversos aspectos culturais, geográficos e sociais. No Brasil, um país de grande extensão geográfica, com diferentes ecossistemas, climas e influências, a alimentação é rica e muito variada. A alimentação indígena, por exemplo, influenciou todo o território brasileiro, como é o caso do consumo da mandioca.

Para melhor aproveitamento da atividade, divida-a em quatro partes. A primeira abordagem, oral e coletiva, tem o objetivo de introduzir o tema da alimentação regional ao longo do território brasileiro. Você pode levantar perguntas como: vocês sabem quais são os tipos de comida que os povos indígenas do Amazonas consomem? Elas são comuns na nossa região? Que comidas são típicas da nossa região? Que alimentos vocês acreditam serem típicos de todo o território brasileiro?

Então, os estudantes devem se organizar em grupos e cada um deles será responsável pela pesquisa sobre a alimentação tradicional de uma determinada região do Brasil. Essa

pesquisa pode ser realizada na biblioteca da escola, em sites da internet, por intermédio de entrevistas com pessoas dessas regiões, caso os estudantes conheçam alguém. Algumas indagações que podem guiar a pesquisa: os alimentos típicos da região pesquisada são originários de outra localidade? Ou naturais da região? Esse prato serve de alimento para grande parte da população? Faz parte do dia a dia ou é preparado em ocasiões especiais? É um prato antigo? Sofreu alterações ao longo dos séculos? Existem versões industrializadas desse alimento? Elas são menos saudáveis do que a versão *in natura*? Por quê? Esses pratos são típicos de outras regiões do país? Estão presentes em outros países?

Em seguida, os estudantes deverão elaborar um *podcast* com base na pesquisa realizada. É interessante que preparem um roteiro para a gravação. Antes desse momento, ouça com os alunos alguns episódios de canais de *podcasts*. Você pode indicar quais são os elementos estruturais de um *podcast* para que os alunos sintam-se mais confortáveis com o formato e suas particularidades. O passo final é a apresentação desse *podcast* para toda a classe. Caso a gravação não seja possível, os estudantes podem apresentar o *podcast* ao vivo, em sala de aula, simulando o momento de gravação.



COMUNIDADES INDÍGENAS – REPORTAGEM ::

Atualmente, as comunidades e reservas indígenas estão presentes em todo o território brasileiro. Você pode explicar aos estudantes sobre a demarcação de terras indígenas e as principais etnias que existem neste momento no território brasileiro.

Se houver algum estudante de origem indígena na classe, ele pode ser convidado a contar um pouco sobre sua comunidade ou, caso seja possível, a escola pode organizar uma visita a uma comunidade indígena. Lá, as crianças podem conversar com os moradores e entender diversos aspectos da constituição e organização desse espaço: há quanto tempo o povo vive nessas terras; se o território atual é demarcado pelo governo; como é o acesso à saúde e à educação; sua relação com a natureza e com o tempo; a alimentação; de onde tiram seu sustento; seus rituais e crenças etc.

Assim, a presente atividade propõe que os estudantes busquem organizar um texto informativo que apresente dados relevantes sobre o tema. Como parte da proposta de atividade, os estudantes também podem fazer uma pesquisa em *sites* da internet e notícias, assistir a vídeos e a documentários que contribuam para a elucidação da criação de um texto jornalístico.

As conversas e observações transformadas em uma reportagem podem ser compartilhadas com outras classes e anos escolares. Se for interessante, a proposta de reportagem escrita pode dar lugar a uma reportagem em vídeo.



CANOAS, TRIÂNGULOS E ÂNGULOS ::

No livro, os curumins se locomovem pelo Rio Abacaxis com canoas, meio de transporte muito tradicional dos povos indígenas, especialmente nas regiões que concentram grande quantidade de rios e igarapés.

Sugere-se aqui uma atividade em consonância com a disciplina de Matemática. Nas aulas dedicadas ao estudo de

Geometria, os estudantes devem ser incentivados a desenhar uma canoa. No entanto, esse desenho deve ser composto apenas de triângulos. O(A) professor(a) pode, ainda, pedir que a canoa seja construída a partir de diferentes triângulos, como o triângulo isósceles e o equilátero. Depois, os estudantes devem trocar entre si os desenhos e medir e determinar os ângulos e tipos de triângulos que constroem a canoa.

Outra alternativa é pedir a eles que desenhem variados tipos de triângulos, em papéis coloridos. Em seguida, que recortem esses triângulos e reúnam-se em duplas ou trios para montar uma canoa a partir desses recortes, quase como uma brincadeira de Tangram. O mesmo desdobramento de medir e determinar os ângulos e tipos de triângulos pode ser realizado.



A CHEGADA DOS PORTUGUESES E OS POVOS INDÍGENAS ::

Um tema que pode ser bem aproveitado ao realizar a leitura da obra literária, em consonância com a disciplina de História, é o das grandes navegações; do desembarque dos portugueses no território que, posteriormente, veio se constituir como Brasil; das formas de organização das sociedades indígenas no tempo da conquista com vistas à compreensão dos mecanismos de alianças, confrontos e resistências e dos diferentes impactos da conquista europeia da América para as populações indígenas.

Como sugestão de atividade para compreender os grandes eventos ocorridos, os professores de Língua Portuguesa, de Arte e de História podem propor a criação de um mu-

ral que poderá, posteriormente, ser exposto nos corredores da escola ou mesmo na própria sala de aula. O objetivo do mural é trabalhar as informações históricas da época mencionada, além da distribuição territorial das populações indígenas em diferentes períodos.

Divida a sala de aula em grupos e os integrantes de cada um deles poderão se organizar da forma como acharem melhor para realizar as pesquisas. No entanto, como sugestão, você pode orientar que uma parte do grupo deverá ficar responsável por pesquisar a distribuição das populações indígenas à época da chegada dos europeus, enquanto outra parte deverá pesquisar os eventos históricos relevantes que aconteceram no período, inclusive da própria região ou cidade onde a escola está situada, caso se aplique. E, a última parte do grupo buscará recortes de revistas e/ou jornais, ou fotografias da internet, que estejam em domínio público, para a elaboração de colagens no mural.

Depois que os grupos tiverem reunido todas as informações necessárias, os professores poderão combinar um dia para a criação do mural em formato de linha cronológica. Caso seja possível, os pais dos alunos poderão ser convidados para prestigiarem a exposição dos estudantes.



CONCEITUANDO A MORTE A PARTIR DE OUTRAS CULTURAS ::

Para estabelecer um aspecto dialógico ao olhar para *Formigueiro de Myrakāwéra*, o(a) professor(a) pode propor aos estudantes que assistam a um trecho de *A morte como ritual*, episódio do Café Filosófico, programa da TV

Cultura, que entrevista o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (especialmente desde o minuto 5'34" até 10'52"). Conteúdo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LW0ojNmrF68> . Acesso: 14 mar. 2022.

No vídeo, Viveiros de Castro discute como culturas diferentes lidam com a morte e o princípio dela para o ser humano. Segundo o antropólogo, que conviveu longamente com povos indígenas amazônicos, os mortos atuam como inimigos dos vivos – não há o conceito de continuidade, de descendência. Abaixo, a transcrição de um trecho do vídeo:

No caso indígena (...) o que acontece é algo de muito diferente, os mortos são inimigos. Morrer é um ato de traição. Quem morreu desertou, passou para o outro lado. Os mortos são seres que têm profundo rancor por ter morrido, têm profunda raiva de ter morrido e sobretudo eles sentem falta dos vivos, eles desejam os vivos (...) e eles não deveriam desejar os vivos. (...) Porque o desejo dos mortos pelos vivos (...) atrai os vivos para o lado dos mortos; a saudade é uma doença. O luto, a nostalgia é uma doença para os índios, e os mortos são perigosos, são patogênicos, porque eles nos fazem pensar neles. (...) Os mortos exercem uma espécie de sucção dos vivos. (...) Toda a máquina, digamos, social do sistema funerário, do sistema ritual indígena que envolve a morte é uma máquina de proteção dos vivos contra os mortos. (...) O morto é o contrário de um vivo. Em vez de termos mortos e vivos do meu grupo versus os mortos e vivos do seu grupo – os mortos dando identidade a mim, me separando de você –, o que acontece é todos os mortos versus todos os vivos. Então a morte é o inimigo.

Na narrativa literária, os estudantes conhecem os mortos-vivos que aterrorizam os povos indígenas. E, a forma com que os vivos lidam com os mortos-vivos, e vice-versa, dialoga de maneira consistente com a visão indígena sobre a morte.

Depois que a turma assistir ao vídeo, sugere-se uma roda de discussão para relacionar o que foi dito pelo antropólogo

go aos acontecimentos do livro. Em seguida, os estudantes podem ser divididos em grupos: cada um deles será responsável por pesquisar o ritual de morte em uma religião diferente. Essa pesquisa pode incluir conversas com líderes religiosos, pesquisa em sites na internet etc. Após essa pesquisa, devem apresentar e expor os pontos levantados para todos da classe. Uma segunda roda de discussão pode ser realizada, como forma de consolidar e trocar impressões sobre as descobertas.



MAQUETE DA REGIÃO DO RIO ABACAXIS ::

Em consonância com a disciplina de Geografia, os estudantes podem ser estimulados, em grupos, a elaborar uma maquete com os perfis topográficos, hídricos e de vegetação da região da bacia amazônica onde corre o Rio Abacaxis, visando à representação de elementos e estruturas da superfície terrestre. Antes da proposta, é interessante abordar a relevância ambiental do ecossistema.

Quais critérios serão utilizados para essa representação? Cada grupo pode criar uma legenda sobre sua forma de representação, definir escala, definir cores para as diferentes altitudes etc. Outra possibilidade é que o(a) professor(a) defina critérios antes da execução, utilizando como base algumas formas clássicas de representação.

Para essa elaboração, as crianças podem fazer pesquisas em enciclopédias, em mapas disponíveis no site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e outros sites da internet, além de fotografias do local. As maquetes podem ser expostas no pátio da escola, para apreciação de toda a comunidade escolar.

Outra alternativa é que esse trabalho seja realizado to-

mando como base a região que os estudantes vivem.



Sugestões complementares e referências bibliográficas

Documentários

Piripkura. Direção de Mariana Oliva, Renata Terra, Bruno Jorge. Brasil: 2017. 122 minutos. Classificação indicativa: 10 anos.

E-books

Guia *podcast* – criação de um *podcast* como recurso educacional. Recife: Faculdade Pernambucana de Saúde, 2019. Disponível em: https://www.fps.edu.br/ead/images/GUIA_PODCAST03.pdf . Acesso em: 15 mar 2022.

Homepages

Aprenda como fazer uma maquete escolar de maneira fácil e criativa. **Melhor Escola.** Disponível em: <https://www.melhorescola.com.br/artigos/aprenda-como-fazer-uma-maquete-escolar-de-maneira-facil-e-criativa>. Acesso em: 04 mar. 2022.

Canoa indígena construída em 1610 é encontrada em Minas Gerais. **Estado de Minas.** Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/03/06/interna_gerais,624627/canoa-indigena-construida-em-1610-e-encontrada-em-minas-gerais.shtml. Acesso em: 04 mar. 2022.

Canoagem é a base da vida de povo indígena que habita as margens do Rio Negro. **G1.** Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/canoagem-e-a-base-da-vida-de-povo-indigena-que-habita-as-margens-do-rio-negro.ghtml> . Acesso em: 16 mar. 2022.

“Jardins do diabo”: a árvore amazônica que abriga um “exército assassino”. **BBC News** | Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38857026>. Acesso em: 16 mar. 2022.

Manual de Redação do Estadão. Esclareça suas dúvidas: LEADS. **Estadão**. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/manualredacao/esclareca/leads>. Acesso em: 22 fev. 2022.

Qual a situação das terras indígenas no Brasil? **politize!** Disponível em: https://www.politize.com.br/qual-a-situacao-das-terras-indigenas-no-brasil/?https://www.politize.com.br/8gclid=Cj0KCQjwz7uRBhDRARIsAFqjulm1DKwaLp1uU8vn1-p5W6mRMio230pdH7nfjLpYZfATn-gEc-vqWpWoaAnztEALw_wcB. Acesso em: 16 mar. 2022.

Terras Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

Livros

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. 13ª ed. São Paulo: Global Editora, 2004.

_____. **História da alimentação no Brasil**. São Paulo: Global, 2019.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

DORIA, Carlos Alberto. **Formação da culinária brasileira: escritos sobre a cozinha inzoneira**. São Paulo: Fósforo, 2021.

FAUSTO, Carlos. **Os índios antes do Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena**

contemporânea no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

JECUPÉ, Kaká Wéra. **A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio.** São Paulo: Peirópolis, 2020.

Podcasts

Cozinha brasileira e afrobrasilidades com Lourence Alves. Episódio 41. Publicado por A Hora do Chá – conversas sobre cultura e história da alimentação. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5I3rmyLMooQLNxzLKVRL6n> . Acesso em: 15 mar. 2022.

Refeições migratórias. Publicado por Panela de Impressão. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4GUqenTM4vurXnR5FAoquQ> . Acesso em: 15 mar. 2022.

Vídeos

A morte como ritual | Eduardo Viveiros de Castro. Café filosófico CPFL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LW00jNmrF68>. Acesso em: 16 mar. 2022.

Caminhos da reportagem | Povos indígenas na pandemia. Publicado por TV Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0jTd7CVGG6Q>. Acesso em: 15 mar. 2022.

Culinária indígena? Publicado por Daniel Munduruku. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QIZ-vLaTQJ7g>. Acesso em: 16 mar. 2022.

O que os índios comem? Publicado por Ysani. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=63JeyL8yGmw>. Acesso em: 16 mar. 2022.